

WIBKE BRUEGGEMANN

A VINGANÇA do CUPIDO



FARO
EDITORIAL

WIBKE BRUEGGEMANN

Tradução de Clarissa Growoski

A
VINGANÇA
do CUPIDO



Dedicado a todos que perderam a pessoa que mais amavam. E para seus amigos que os ajudaram a superar a perda.

AGRADECIMENTOS

O meu maior agradecimento vai para os meus amigos, tanto os de perto quanto os de longe.

Gostaria de agradecer especialmente Brittain por seu amor e apoio contínuos e aparentemente inesgotáveis, e por sempre garantir que eu coma alimentos que tenham valor nutricional (e bolo!).

Agradeço a Luci por sempre oferecer tão graciosamente sua presença, sua sabedoria, suas risadas e seu encorajamento.

Agradeço à minha agente, Rachel Mann, que além de ser uma excelente agente, também é uma excelente humana.

Obrigada aos meus pais por tudo.

Gostaria de agradecer também a toda a equipe da Macmillan, especialmente aos meus editores.



CENA 1

Gostaria de deixar registrado que nunca tive a intenção de me apaixonar. Eu ia ficar longe disso tudo, mesmo depois do que aconteceu na igreja. E talvez até depois disso, mas você sabe como o Cupido é: te pega quando você menos espera.

A coisa toda foi meio que culpa do Teddy, porque se não fosse pelo plano ridículo dele, eu nunca nem saberia da existência de Katherine Cooper-Bunting.

Eu tinha concordado, com relutância, em ajudar meu pai a limpar o quarto extra para o meu avô, mas não fazia nem cinco minutos que tinha começado quando meu celular apitou. Coloquei no chão o saco de lixo que estava segurando e arranquei o telefone do bolso do shorts.

— É o Teddy — falei para o meu pai, sem necessidade. Ninguém mais me mandava mensagens.

Você precisa vir pra cá agora mesmo usando um vestido bonito.

Tá doido?

Te explico depois.

A questão é que se você é amiga do Theodore Booker desde sempre, você meio que não questiona.

— Aconteceu alguma coisa com Teddy — eu disse.

Meu pai revirou os olhos.

— Tudo bem. Pode ir. Mas volte logo, não vou conseguir carregar aquele armário de arquivos horroroso sozinho.

— Por que a gente tem esse negócio?

— Antes da internet tudo era em papel. Contas, extratos bancários... você não vai lembrar — ele disse e começou a rasgar folhas A4 e colocá-las no saco para reciclagem.

Tirei o shorts e coloquei um vestido de verão florido (flores é o mesmo que bonito, né?) e, sem me preocupar em calçar nada, fui para a casa do Teddy.

A vida toda fomos vizinhos. Nossos pais são, quer dizer, eram, literalmente, BFFs, e Teddy e eu nascemos com apenas quatro meses de diferença. E, embora nossas mães insistam que isso foi mera coincidência e não o resultado de um plano reprodutivo meticuloso, nós sabíamos a verdade.

Éramos Teddy e Tilly: irmãos — só que não.

Assim que entrei pelo portão rangedor, a porta da frente foi escancarada.

— Entra, entra — Teddy disse, gesticulando alvoroçado.

— Estou indo. O que você tem?

— É o seguinte — ele disse e olhou para o celular. — Agora são quatro e quarenta e sete. Às cinco horas, Katherine Cooper-Bunting vai chegar pra sua última aula de piano antes das férias de verão, e precisamos descobrir o que ela vai fazer nestas férias pra que a gente encontre com ela acidentalmente de propósito, pra que então eu possa convidá-la pra sair porque estou muito apaixonado por ela.

— E quem diabos é essa tal de Katherine Cooper-Bunting? E por que você nunca mencionou essa paixonite?

— Era um tipo de paixão silenciosa. Além do mais, eu não a via pessoalmente mesmo há uns anos, e vamos dizer que há uma diferença quase etérea entre a Katherine de catorze anos e a de dezesseis de agora.

— Etérea — repeti, balançando a cabeça para cima e para baixo, na esperança de que ele soubesse que soava como um louco.

— E também estou bombado de testosterona — Teddy disse e flexionou os bíceps como se eles tivessem passado por uma transformação gigantesca desde que ele fez dezesseis anos. — Por que você está rindo, Matilda?

— Porque você estar bombado de qualquer coisa que não seja bala de gelatina é literalmente perturbador. Além disso, você está usando uma camiseta dos Ursinhos Carinhosos.

— Ei! Nunca faça piada sobre o poder dos Ursinhos Carinhosos. A propósito, essa é a Ursinha Coração Rosa.

— Talvez você possa colocar uma dos Ursinhos Testosterona?

— Ha-ha, hilário, Tilly, eu finalmente me tornei uma piada até pra você — ele disse e me guiou até a porta estreita da frente. — Achei que você ficaria

muito satisfeita por eu estar fazendo um esforço consciente para seguir em frente depois da Grace.

Olhei para ele.

Fazia muito tempo que não falávamos da Grace.

— Por que você simplesmente não chama essa Katherine Cooper sei lá o quê pra sair? Assim, não precisamos stalkear a menina. Porque você percebe o quanto isso é bizarro, né?

— Bunting. Cooper-Bunting. Por inúmeras razões, que eu poderia explicar se o tempo não fosse crucial neste momento, porém faltam onze minutos para a chegada dela. Você está me ouvindo?

— Eu sempre te ouço.

— O plano é o seguinte. Ela é dessas do tipo pontual, o que significa que exatamente às cinco horas ela vai bater na porta. Minha mãe vai vir e abrir a porta, e neste momento teremos aproximadamente quinze segundos de “Olá, Sra. Booker”, “Olá, Katherine”, antes de a porta se fechar, e aí Katherine Cooper-Bunting vai me ver casualmente encostado no batente da porta, aqui, e você vai rir como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada que você já ouviu na vida.

— Você bateu a cabeça recentemente?

— Tudo bem, Tilly. Esquece, você não precisa ficar.

— Não, vou ficar. Desculpe. Continue.

— Certo, vai lá e senta na cadeira. Vou pegar o Rachmaninoff. Você vai ficar segurando ele. Vou pegar um macacão ou algo do tipo também.

Aproximadamente quarenta e cinco segundos depois, Teddy, agora vestindo uma coisa de manga comprida no estilo lenhador que eu nunca o tinha visto usar antes, carregou o Rachmaninoff de três patas gritando para a sala e o jogou no meu colo. O gato então começou a berrar para mim, como se eu tivesse alguma coisa a ver com o fato de ele ter sido arrancado de sabe-se lá o que estava fazendo.

— Desculpa, colega — eu disse, controlando o gato.

Rachmaninoff rosnou e tentou me morder.

— Vai se foder! — chiei e o segurei com força.

Teddy desapareceu de novo e, quando voltou com seu violino, eu soube que desta vez ele tinha perdido a cabeça mesmo.

Nós dois nascemos em famílias de músicos, mas nem eu nem ele herdamos os genes musicais, o que era motivo de uma vergonha indescritível para nossos pais. Minha mãe e meu pai desistiram da minha educação musical bem cedo, mas só porque minha irmã mais velha, Emily, já era uma gênio no piano. Mas, por Teddy

ser filho único, seus pais não queriam acreditar que ele era totalmente inútil e o obrigaram a fazer o teste de violino nível 2 quando ele tinha doze anos, e todas as outras crianças tinham, tipo, seis. Quando ele não conseguiu completar a música tema dos *Flintstones*, eles o levaram para casa e nunca mais tocaram no assunto.

— Teds, por que essa encenação? — perguntei, ainda lutando com Rachmaninoff, que estava tentando se atirar do meu colo.

— Meninas gostam de meninos com bichinhos fofos — ele disse balançando a cabeça positivamente para o gato dos infernos que ainda gritava.

— E eu estou aqui por quê?

— Porque ao me ver com outra mulher isso me torna imediatamente mais desejável. Especialmente se essa mulher está claramente apreciando minha companhia, por isso você vai rir muito.

Levantei as sobrancelhas para o violino.

— Toda menina gosta de músicos. Além disso, indica que sou bom com as mãos, o que, você sabe, é uma ótima qualidade. Sexualmente falando.

— Eca!

— E ela não precisa saber que não sou músico.

— E se ela pedir pra você tocar junto com ela?

Um terror momentâneo se alastrou pelo seu rosto pequeno e bonito, mas era tarde demais, porque...

Toc

Toc

Toc.

— Inferno e maldição — Teddy sussurrou em pânico e se virou imediatamente sem motivo nenhum. — E você precisa me chamar de Theodore.

— Que merda? — sussurrei de volta. E então a mãe dele passou.

— Oi, Tilly.

— Oi, Amanda.

— Você está bem, Teddy? — a mãe dele perguntou ao vê-lo com o violino.

Então ela abriu a porta e os quinze segundos seguintes se desenrolaram como o previsto, com todos os “olá, olá”, assim como a porta fechando, a presença repentina de Katherine Cooper-Bunting no corredor e nós aparecendo em seu campo visual.

O que aconteceu depois foi bem rápido.

Teddy de repente congelou, mas sendo a amiga leal que sou, lembrei que eu deveria rir histericamente. Então joguei a cabeça para trás e fiz um barulho

que nunca tinha feito antes, o que assustou o Rachmaninoff, que gritou, me mordeu (o que não foi nada de mais, porque, além de ter uma pata faltando, ele também não tinha nenhum dente) e se jogou do meu colo, saiu pulando pela sala e desapareceu no corredor, surpreendentemente rápido para um gato com apenas três patas.

Todos se afastaram para deixá-lo passar, mas ninguém falou nada até que a mãe de Teddy olhou para ele e disse:

— Por que você está usando a minha blusa?

Flagrei uma olhadela de Katherine Cooper-Bunting, que pode ou não ter dado um sorriso maldoso, mas ela saiu de cena rapidamente com a mãe de Teddy, e menos de um minuto depois nós a ouvimos aquecendo os dedos com um punhado de escalas musicais suaves.

Teddy ainda não tinha se mexido.

Seus olhos estavam esbugalhados.

Ele não piscava.

— Tenho a impressão de que isso poderia ter sido melhor — eu disse baixinho para não assustá-lo.

Ele embalou o violino como se fosse uma boneca e lentamente deslizou pelo batente da porta até se sentar no chão.

— Por que *eu*? — ele perguntou e olhou para cima. — E se houver literalmente apenas uma pessoa no mundo para nós? E se essa pessoa era a Grace? Eu sou muito novo para saber que vou morrer sozinho.

— Teddy...

— Eu penso muito sobre isso, na verdade.

— Não acredito nisso. E nem tudo está perdido — eu disse. — Talvez você possa pegar ela na saída da aula, hein?

— Ou talvez eu só vá para o meu quarto e nunca mais saia de lá.

— Não acho que você deveria fazer isso — eu disse e me levantei da cadeira verde. — Desculpe por ter estragado tudo.

— Você não estragou. Eu sou um idiota. Esqueci totalmente de como me comportar na vida real. Tipo, não é o TikTok, né? Você não pode simplesmente fazer de novo e postar quando está perfeito. A vida real é uma merda... A propósito, você está bonita.

— Obrigada. E você deveria, pelo menos, dar um oi para ela. Quero dizer, se seu amor ainda for feroz.

— Nossa, eu sou uma piada.

— Ponha a culpa nos hormônios. Eu sempre faço isso. Preciso ir. Meu pai e eu estamos arrumando o quarto do meu avô.

— Ah, merda, você tinha falado. Desculpe por te arrastar pra cá. Você tá bem?

— Sim, tudo bem — menti. — A gente se vê, Teds.

— Mas ela é bonita, não é? — ele sussurrou e olhou para mim enquanto eu passava por cima dele.

— Não olhei direito pra ela, na verdade. Estava muito ocupada rindo de nada. Mas provavelmente ela não é tão bonita assim pra você estar tendo uma crise existencial.

— Ela te lembra a Grace? — ele perguntou.

— Não sei.

— A vida é tão difícil — ele disse de novo e dedilhou as cordas do violino. — E isso aqui está completamente desafinado. Como eu, por dentro.

Ao fundo, Katherine Cooper-Bunting tocava algo sem dúvida muito alegre.

— Enfim — eu disse. — Até mais.

Eu o deixei se lastimando e fui para casa, onde troquei de roupa e coloquei o shorts e a camiseta de novo.

Meu pai e eu continuamos a desmontar o armário de arquivos e, por fim, o carregamos para baixo pela escada estreita, uma gaveta pesada por vez. Eu estava literalmente suando e, cada vez que eu batia a canela contra o metal, ressentia a situação toda um pouco mais.

Nos livramos também de umas cômodas e algumas malas mofadas. Tínhamos agendado para a prefeitura recolher tudo e, quando tudo estava lá fora e na calçada, meu pai imprimiu o número de referência que eu tinha que grudar nos móveis. Eu estava prendendo o papel com fita adesiva em uma das gavetas do armário de arquivos quando vi Katherine Cooper-Bunting saindo da casa do Teddy, virar à direita e andar na minha direção.

Ela olhou para mim, me reconheceu — apesar de naquele momento eu estar com minha aparência desarrumada normal de faça-você-mesmo de novo — e disse:

— Oi.

E aí ela ficou sob um raio de sol de fim de tarde que brilhava no vão estreito entre nossas casas, e eu vi esse raio pousar como um carinho dourado em seu rosto perfeito.

Ela piscou e sorriu e então continuou andando.

— Oi — eu disse, mas ela já tinha ido embora.

CENA 2

O dia seguinte era um sábado, o que significava que minha mãe ia dar aula de balé, meu pai tinha uma apresentação à tarde e uma à noite como maestro na Royal Opera House e a mãe do Teddy estava dando aula de piano na sala de estar deles, enquanto o pai do Teddy dava aulas de violino pelo Zoom no quarto.

O pai do Teddy tocava violino na Royal Opera House, e ele e meu pai costumavam tomar café da manhã juntos no centro antes do trabalho, mas aí teve toneladas de cortes de postos de trabalho e o pai do Teddy foi demitido, e ele e meu pai tiveram uma briga feia por causa disso, o que é até compreensível, mas também muito idiota porque não é como se meu pai tivesse tido culpa. Enfim, o pai do Teddy ficou tão furioso que parou de falar com meu pai e, porque meu pai odeia uma música chamada *A cotovia ascendente*, o pai do Teddy a tocava literalmente o tempo todo só para deixar meu pai puto, e então meu pai andava pela casa de um lado para outro dizendo: “Foda-se o David, foda-se a cotovia, foda-se Vaughan, foda-se Williams.”

Minha mãe, com sua expressão neutra, o observava e fazia um *demi plié* ou algo do tipo.

Ela e meu pai se conheceram quando ambos trabalhavam na English National Opera. Tipo, uns vinte anos atrás. Minha mãe era a dançarina principal e fazia o papel de Copélia em um balé com o mesmo nome, e era o primeiro emprego do meu pai como maestro, e quando as pessoas perguntam como eles acabaram juntos minha mãe sempre responde: “Bem, você sabe o que dizem. O único jeito de a orquestra tocar no ritmo certo é dormindo com o maestro.”

Muita risada.

Sempre.

Vergonha alheia.

Diz a lenda que Emilin é o resultado direto da união motivada pelo ritmo deles, pois foi concebida no camarim da minha mãe segundos antes da

chamada de trinta minutos antes do início da apresentação do *Lago dos Cisnes* naquele Natal.

E suponho que seja por isso que ela herdou o gene musical.

Eu fui concebida na cama de casal da IKEA dos meus pais cinco anos depois, o que explica muito sobre muita coisa.

Quando conto sobre a minha família para as pessoas, elas sempre dizem: “Deve ser incrível crescer em uma família tão musical”; mas deixa eu te dizer: incrível não é.

É esquisito. Porque nós literalmente não falamos a mesma língua.

Por exemplo, quando você pergunta para uma pessoa normal como ela está, ela normalmente responde: “Estou bem, obrigada”. Mesmo quando ela não está.

Na minha família, se você pergunta, por exemplo, para a minha mãe como ela está, e se ela estiver se sentindo bem, ela vai dar duas piruetas casuais, depois soprará o mais gentil dos beijos na sua testa antes de flutuar para fora da sala, às vezes de costas e na ponta dos pés.

Meu pai vai cantarolar algo relevante e olhar bem nos seus olhos, ou entusiasmado, ou irritado, ou seja lá qual for a emoção que aquela peça que ele está cantarolando deveria expressar.

Resumindo, essas pessoas não são normais.

E é por isso que elas não conseguem fazer coisas normais, como desentupir um ralo ou instalar uma tomada. Eu, pelo contrário, sendo uma pessoa normal, sei fazer tudo isso. Quero dizer, está tudo no YouTube e não é exatamente um bicho de sete cabeças, mas quando meu pai e minha mãe estavam atordoados no quarto extra mais cedo naquela semana, considerando se precisava ou não de uma pintura, eu falei tipo: “Vamos pintar de uma vez. Eu posso pintar.”

E aí, para justificar suas deficiências tanto como humanos quanto como pais, eles falaram: “Ótimo, Tilly, porque assim você vai ter alguma coisa para fazer e não vai passar o verão sendo a pessoa solitária, sem paixão e sem planos que é.”

Meu pais realmente acreditam que não acontece nada na vida das pessoas que não dançam ou não tocam um instrumento; logo, elas simplesmente não veem a hora de fazer essas merdas, tipo tirar um bolo de cabelo emaranhado do ralo do banheiro ou pintar o quarto extra para o avô, que só vai se mudar para cá porque a culpa que meu pai sente de não ter estado presente na morte prematura de sua mãe é tão grande que ele não enxerga a verdade, que é que nós não seremos capazes de cuidar de um homem velho com Alzheimer.

Mas ninguém nunca me ouve.

A primeira coisa que meu pai fez foi me levar à loja de materiais de construção para comprar tinta, onde ele não foi de ajuda nenhuma, porque não faz a menor ideia da diferença entre uma tinta fosca e uma brilhante, mesmo que a dica esteja cem por cento no nome.

— Tilly, só tenha cuidado. Os vapores são venenosos — minha mãe disse saindo de casa sem nem olhar para mim e jogando na minha direção um pacote de máscaras de proteção, do qual ainda temos pilhas e mais pilhas.

Uma hora de trabalho e Teddy estava sentado no meio do chão tomando uma xícara de chá e usando uma máscara como se fosse um chapeuzinho de festa de aniversário.

— Ela não sabe que as tintas não são mais tóxicas? — ele perguntou, e eu sabia que era uma pergunta retórica, porque, como eu disse, nossos pais não sabem nada sobre as coisas normais. — Quando seu avô chega?

— Assim que a tinta secar e tiverem entregado a cama.

— Ai, cara.

— Eu sei. — Me sentei no chão de frente para ele e tomei um gole de seu chá. — Você veio pra ajudar? Porque tenho outro rolo.

— Vim pra te dar boas notícias, na verdade.

— Boas notícias? — perguntei e olhei ao redor do quarto que logo seria o novo lar do meu avô. Possivelmente, seu último lar. Só que não era seu lar coisa nenhuma, era só um quarto. E ele teria que dormir sozinho nele, o que deve ser muito estranho depois que você dividiu a cama com a mesma pessoa por quarenta e tantos anos. Não que ele vá saber. Tipo, no começo, sim, mas no final, ele não vai saber. Pelo menos foi isso que li a respeito de demência e Alzheimer. No final, as pessoas não reconhecem nada nem ninguém.

Teddy pegou minha mão e a apertou.

— Sinto muito, Tills.

— É, eu também. Enfim, qual é a boa notícia?

— Esquece.

— Não, me conta. Desculpe por ser tão negativa.

— Você não está sendo negativa, você está triste. É diferente.

— Eu tô bem.

Ele sorriu seu sorriso de Teddy mais fofo, cheio de covinhas, para mim e levantou as sobrancelhas do jeito mais idiota, o que me fez rir.

— É sobre a Katherine Cooper-Bunting.

Etérea no sol de fim de tarde, pensei, e então percebi que era isso que a tornava completamente diferente de Grace, que tinha sido a maior imbecil do mundo.

— Deixa eu adivinhar. Vocês vão se casar — eu disse.

— Você é tão engraçada. Não, mas eu descobri com a minha mãe que a Katherine Cooper-Bunting vai fazer teatro amador neste verão e, aparentemente, todo mundo pode fazer um teste, o que significa que nós vamos fazer.

— Por que nós iríamos querer fazer teatro amador? — perguntei. Porque a última vez em que estivemos em um palco foi na peça da Natividade no primeiro ano, em que Teddy fez o papel do burro e eu era uma pastora, usando um pano de prato como barba, e quando cantamos uma cantiga de Natal que fala de um burro, Teddy chorou.

— Porque precisamos fazer amizade com a Katherine Cooper-Bunting.

— *Eu* não preciso.

— Precisa, sim. Porque se você estiver lá também, não vai ser tão estranho quando eu declarar meu amor imortal por ela.

— Eu acho que vai ser mais estranho ainda — eu disse, mas ele não estava me ouvindo.

— As audições são no clube do bairro Clapham na quinta-feira. E a Katherine Cooper-Bunting falou pra minha mãe que a pessoa tem que preparar um monólogo ou uma música.

— Eu não vou fazer isso.

— Tills, só precisamos decorar umas falas. Ou você pode cantar, se quiser.

— Leia os meus lábios — eu disse, pegando e apertando a mão dele. — Nãããã. Não vou fazer isso. Você pode fazer o que quiser, mas eu não tenho desejo nenhum de ser atriz. O que aconteceu com a nossa promessa de nunca sair com pessoas criativas? Você quer se transformar nos seus pais?

— Bem, atores não são bem pessoas criativas, são? Quero dizer, eles só dizem palavras que outras pessoas escreveram para eles, e eles vão e ficam onde as pessoas falam para eles irem e ficarem. Eles são idiotas, na verdade.

— E você quer amar ferozmente uma idiota?

— Ela é uma idiota bonita.

Eu só olhei para ele.

— Eu te ajudo a encontrar uma namorada em troca — ele disse.

— Não quero uma namorada.

— Tudo bem — Teddy disse. — Você não precisa fazer o teste. Só senta lá comigo, o.k.?

— Não.

— Por favor, Tilly, por favooooorrr — ele disse e fez um olhar de cachorrinho perdido, e pensei no que a Grace iria querer, então eu disse:

— Tá bom!

— Te devo essa, Tills — Teddy disse e nós demos um toque de mão.

— Você pode pegar o outro rolo agora e me ajudar a pintar — falei para ele.

— Sim, senhora — ele disse, literalmente dando pulos. — Vou ter que ler um pouco e aprender um monólogo.

— Faz aquele que você estudou para a aula de teatro.

— Acho que não. Era sobre masturbação.

— Eita! Era mesmo?

— Era. O personagem queria cobrir o mundo inteiro com o gozo dele.

— Eca, eca, eca! Nunca mais fale disso comigo de novo.

— Eu devia aprender algo romântico. Sabe, caso a gente tenha que fazer a audição na frente dos outros. Não que gozo não seja romântico.

— ECA!

— Bem, você é lésbica, então *voce* acha nojento. Fico pensando se alguém já escreveu alguma coisa romântica sobre o gozo. Tipo, “Ode ao gozo” ou algo assim, sabe, como aquele cara poeta. Keats? — Teddy perguntou.

— Para! — exclamei e apertei o rolo cheio de tinta no braço dele, deixando uma marca enorme.

— Por quêeeee? — Teddy gritou.

— Porque eu disse pra parar. Acho que a testosterona está comendo seu cérebro. Talvez a puberdade seja como Alzheimer, só que você se recupera.

— É que eu não consigo parar de pensar nela, sabe?

Observei-o mergulhar o rolo na poça de tinta na bandeja.

Então, num ritmo perfeito com a subida e a descida do rolo na parede, ele ficou dizendo:

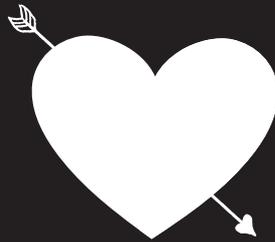
— Kathe-rine. Kathe-rine. Kathe-rine.

Mergulhei meu rolo na tinta lamacenta e ouvi o som úmido, encharcado que fez.

Katherine, meu cérebro pensou, e eu literalmente dei um pulo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2024